

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO E DA CRISE PARADIGMÁTICA.

Iara Vieira Guimarães*

“O vir a ser se opõe hoje, para mim, como um tempo e um espaço de muitas promessas, embora não me reste muito tempo. Há muitas incertezas pela frente e determinações das quais não vou fugir.” (Armando Corrêa da Silva)

E QUE MUNDO É ESSE?

O mundo vive um processo extraordinário de transformações que se efetivaram em vários campos, especialmente na economia, na política, nas ciências e também no ensino. A velha ordem mundial já não existe mais. Há portanto, uma nova realidade que no plano político, econômico e dos valores apresenta-se indefinida, complexa e não previsível.

O reordenamento do sistema internacional iniciou-se com o fim da Guerra Fria. A nova realidade internacional implementou, em termos teóricos, uma disputa de paradigmas para a interpretação do mundo. As tendências principais são as que pretendem redescobrir os pólos e a partir daí desvendar a maneira como estes irão interagir, e a que busca analisar os temas internacionais a partir do processo de dispersão.

Na primeira fase deste período, marcada pela queda do muro de Berlim e a Guerra do Golfo, muitos autores demonstraram otimismo em relação ao sistema internacional, professando a vitória do liberalismo, uma vez que o mundo mostrava-se um todo homogêneo, cuja unanimidade se delimitava pela democracia e o mercado. Enquanto a queda do

muro de Berlim significou o realinhamento do Leste Europeu ao capitalismo, a igualdade de interesses das nações e a diluição das diferenças do nacional e do internacional, a Guerra do Golfo, com a derrota de Saddam Hussein, demonstrava que a nova ordem mundial se firmava também no campo da segurança.

Neste contexto, a temática Norte/Sul adquire uma conotação diferenciada em relação ao período da bipolaridade; o Sul passa a ser responsabilizado pelos desajustes do sistema internacional, atribuindo-se a ele uma visão negativa de ingerência, falência econômica, violação do direitos humanos etc.

O desmoronamento da URSS inaugura um segundo momento no período pós-Guerra Fria. Mudanças conjunturais afetaram a economia e a sociedade dos ex-países membros. Neste momento foi significativo também o caso a ex-Iugoslávia, onde rivalidades étnicas geraram conflitos agudos, os quais não receberam soluções imediatas, como no Golfo Pérsico. A fragmentação, nestes casos, operou como força predominante, pois os conflitos, os interesses e as buscas de soluções para os problemas emergentes foram nacionalizados.

A nova ordem mundial deixa de

* Iara Vieira Guimarães - Professora de Geografia da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia e mestrandia em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, SP.

apresentar uma dinâmica clara, previsível, sendo norteadas pela indefinição, exigindo, conseqüentemente, uma análise mais complexa do sistema internacional. A lógica da globalização divide espaço com a lógica da fragmentação. Presenciamos a busca do nacionalismo, expressa em movimentos diversos, ocorrer concomitante com a defesa de causas universais impulsionada pelo processo de globalização.

O fim da Guerra Fria e do socialismo na ex-URSS, polaridades indefinidas, globalização/fragmentação, sistema de produção flexível etc. são apenas alguns fatores que, a nível mundial, marcam este processo de mudanças. Estes acontecimentos, seguidos de outros no plano cultural, científico, educacional etc., têm provocado alterações de comportamento, um agir diferenciado.

“A globalização da economia não é apenas a universalização do conceito de mercado livre, da liberdade dos atores no mercado, mas também do próprio conceito de mercado, que não é apenas um conceito econômico, mas também um conceito político e social, incluindo o cultural.” (HIRANO, 1994, p. 30). Observamos cotidianamente fatores econômicos impulsionarem mudanças culturais, pois a formação humana está ligada às condições que definem o momento histórico de que o indivíduo participa. Hoje, as crianças e os jovens em geral são diretamente influenciados pela tecnologia, o que tem proporcionado alterações representativas na perspectiva de vida desta geração.

Diante de tais questões perguntamos como as mudanças conjunturais, e também sociais, têm influenciado o ensino de Geografia na escola fundamental, uma vez que esta disciplina tem a preocupação de fornecer ao aluno subsídios para que ele possa entender o mundo e dar sentido ao seu cotidiano. Nesse

sentido, qual tem sido a postura adotada pelos professores? Que concepção de mundo e de Geografia tem orientado seu trabalho?

“Ser professor, ensinar, é um enorme privilégio neste momento de aceleração, fragmentação e globalização” (SOUZA, 1994, p. 29). Entretanto, é uma tarefa bastante complexa, pois, se questões relacionadas à sociedade, ao ensino e à Geografia estão sendo levadas a balanço, definir uma temática (o que ensinar?), como trabalhá-la e ainda como avaliá-la tem trazido muitas interrogações.

Observamos que no momento atual os professores encontram-se mergulhados em uma situação substancialmente nova, que tem exigido um repensar constante de sua prática, além de uma renovação teórica. Trabalhar com incertezas, sentir o mundo, ir além do senso comum e entender a Geografia atual tem constituído uma tarefa difícil. Cabe entendermos como ela está sendo realizada.

Tentaremos refletir sobre estas questões recorrendo a algumas observações feitas com relação à atuação de professores que ensinam Geografia na escola fundamental e que têm vivido/participado dos acontecimentos que vêm transformando a sociedade atual. É, assim, mais um exercício de reflexão do que uma busca de dados.

ENSINO, ALUNO, PROFESSOR: NOVA REALIDADE?

O ensino é uma prática social que transcende os limites da escola, pois ocorre desde o nascimento da criança através da transmissão de conhecimentos e valores culturais. A escola é apenas uma instituição criada com o objetivo de colocar os indivíduos em contato com os conhecimentos socialmente produzidos. Ensino e escola estão profundamente integrados à sociedade.

Neste sentido, a escola possui na atualidade uma função imprescindível, não como um imperativo de justiça social, mas para garantir avanço tecnológico, desenvolvimento científico, recursos humanos qualificados, crescimento econômico e uma maior inserção internacional do país. A função da escola tem sido constantemente redimensionada pelos critérios da ordem econômica e política.

A vasta cena mundial, aliada ao fascínio pelas mudanças, certamente tem provocado mudanças de atitudes, um pensar/agir diferenciado, não estando professores e alunos imunes à questão. Por isso, ensinar e apreender Geografia tem significado pensar um novo processo, com possibilidades múltiplas que podem caminhar para expectativas, resistências ou ainda fé exagerada nas recentes perspectivas.

Ao professor tem sido atribuído o papel de construir com o aluno estruturas cognitivas que o façam perceber a si próprio e ao mundo, aumentando progressivamente sua capacidade reflexiva. A preocupação deve ser, portanto, trabalhar com o pensamento do aluno, aliando conhecimento sistematizado e ação. Ao exercer esta função no processo de ensino, o professor, já há algum tempo, viu-se obrigado a partir da realidade do aluno, ou seja, de tudo que está ligado a sua experiência de vida. Mas como é esta realidade, hoje?

O aluno com o qual trabalhamos na atualidade continua sendo formado pela família e pela escola, mas também pela indústria cultural, pelas novas tecnologias, pelo mercado do qual é alvo certo e por uma concepção de vida própria de um período marcado pela velocidade dos acontecimentos. O sentido privilegiado é a visão. O mundo das imagens associado à rapidez da fala e da ação tem sempre prioridade em relação à profundidade de um texto, de um discurso ou de um movimento.

As diferenças ideológicas já não são acirradas como no passado. As posições políticas divergentes, como ser de esquerda ou de direita, socialista ou capitalista, e os movimentos de rebeldia e contestação cederam lugar a outras preocupações. Entretanto, não há homogeneidade, muitas divergências prevaleceram e outras surgiram com força.

O individualismo e a busca da realização pessoal surgem como marca do processo de mudanças, substituindo uma forte preocupação anterior com questões sociais amplas e com ações e realizações coletivas. A luta por transformações sociais em movimentos organizados é substituída pela busca da auto-realização, pela preocupação com o conhecimento de si mesmo e com a busca constante em melhorar a auto imagem, principalmente em relação ao corpo.

A preocupação e a responsabilidade de "mudar o mundo", deram lugar à busca da leveza, do prazer, do despojamento, do descompromisso aparente. Perguntar tomou-se mais importante que responder, pois a pergunta envolve criatividade, faz brotar idéias, dúvidas e a vontade de resolvê-las. A atualidade nos mostra que toda solução é parcial, incompleta, sendo o ponto de partida para novas indagações e perspectivas.

O acesso à informação e o trabalho incessante da indústria cultural, que atinge todas as faixas etárias, mas principalmente os jovens, influenciam enormemente no como e o quê as pessoas devem vestir, comer, ouvir, ler, ver, sentir e pensar; enfim, na forma de encarar a vida. Esta situação tem sido guiada por uma forte dose de realismo quanto ao pouco poder do indivíduo para mudar a realidade. Não há otimismo, com isto não há rebeldia. O jovem está cada vez mais integrado ao sistema, acreditando que assim terá possibilidades de conseguir o que quer na vida: estudar, ter um

bom emprego, viver com conforto e ter acesso amplo a atividades de lazer.

Constatamos cotidianamente que as mudanças conjunturais transformaram a sociedade e em consequência a Geografia, o professor, o aluno. No caso do professor, o momento tem exigido que lidemos com experiências indeterminadas, com o não saber; mais que isso, tem conduzido a um repensar da teoria que explica o mundo, a sociedade e os temas que a Geografia trabalha.

SOBRE O OBJETO DO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de Geografia atual está fundamentado no processo de renovação teórico/prático que implementou, sobretudo na década de 70, um repensar do papel da Geografia como ciência e como disciplina obrigatória no currículo da escola de primeiro e segundo graus. A tendência crítica colocou como frente de contestação o seguinte questionamento: para que serve a Geografia?

A desilusão com o milagre capitalista produção/consumo, o imperialismo e as desigualdades econômicas entre o Norte e o Sul, a crença no socialismo etc. são alguns fatores que descortinaram uma série de questões sobre o papel da Geografia diante da realidade, demonstrando a forma aparente como a teoria quantitativa a tratava.

Apesar da tentativa de recuperar outras correntes como a fenomenologia, é na teoria marxista que a denominada Geografia Crítica vai fundamentar-se. Recuperou-se o econômico e o social na análise geográfica, não se admitindo mais a imparcialidade e a neutralidade do conhecimento produzido; a contaminação ideológica, que as teorias anteriores afirmavam não existir, mas que

aparecia camuflada nos métodos matemáticos utilizados, é denunciada com rigor.

Enquanto essas transformações se davam no meio acadêmico, as escolas e os profissionais de Geografia viviam uma profunda crise implementada pela reformulação das bases teóricas que fundamentavam o conhecimento geográfico. Os temas, o enfoque e a metodologia eram reformulados de uma só vez.

A Geografia deixou de ser uma disciplina que ensina a localizar rios, países, montanhas etc., tornando-se uma porta de entrada para o aluno entender os problemas sociais que afligem a sociedade e conhecer seus direitos. Coube-nos analisar as relações sociais e aquilo que está subjacente a elas, pois professores e alunos tinham a tarefa de transformar a sociedade.

As aulas de Geografia começaram a dar grande peso à História. O espaço ficou, por bom tempo, renegado a segundo plano. Em muitas escolas eram freqüentes as queixas dos alunos, que não sabiam diferenciar os conteúdos desenvolvidos nas duas disciplinas. Isto aconteceu por causa da hegemonia historicista das teorias críticas, apropriando-se do que Marx chamou de "construção da História". A crítica feita à geografia tradicional, por seu caráter enfadonho, desinteressante e distanciado da realidade que envolve o aluno, deu origem a um enfoque excessivo dos acontecimentos históricos que explicavam a organização da sociedade e dos lugares. Ocorreu no ensino uma supervalorização do tempo em relação ao espaço, sendo que, hoje, "o espaço ainda tende a ser tratado como fixo, morto e não-dialético, e o tempo, como a riqueza, a vida, a dialética e o contexto revelador da teorização social crítica" (SOJA, 1993, p.18).

Hoje, entretanto, o ensino de Geografia está se voltando mais para a análise

propriamente espacial. Como não há proposta definida, os professores têm procurado trabalhar temas atuais, fazendo com que se valorize o presente em detrimento do passado histórico. Os acontecimentos atuais, contudo, têm exigido novas posturas de análise, já que as anteriores estão em estado de esgotamento por não conseguir dar respostas a muitas questões e, em conseqüência, seu poder de convencimento estar enfraquecendo a cada dia.

Além do historicismo podemos, também, verificar um forte determinismo econômico na análise dos temas desenvolvidos nas aulas de Geografia, sobretudo aqueles relacionados à degradação ambiental. O “lucro” passou a ser responsável por todas as desgraças da sociedade e principalmente pela destruição da natureza; como se nos países socialistas, que não são direcionados pela lógica capitalista (o lucro), não houvesse desajustes sociais e o meio ambiente fosse preservado.

A crítica ao capitalismo justificava tudo. A análise das diferentes realidade era moldada para se adequar ao “todo estruturado”. As significações internas não mereciam consideração, já que as forças externas eram suficientes para explicar a organização do espaço e o movimento da sociedade nesse contexto.

A teoria do imperialismo foi usada de forma fechada (determinada) para explicar as relações entre as nações e suas conseqüências internas, daí surgindo toda a explicação para o subdesenvolvimento e a pobreza do Sul. Por mais que se questionassem algumas práticas socialistas, havia uma crença viva de que este sistema econômico seria a cura para todos os males da sociedade capitalista.

Desta forma, o paradigma marxista, que foi predominante na Geografia por muitos anos, tem hoje recebido fortes questionamentos, assim como árduas defesas. Seja qual for a

tendência predominante, esta situação tem levado o professor de Geografia a conviver com uma certa indefinição, imposta pela crise de paradigmas, pela fragilidade de modelos explicativos que tentam dar conta da sociedade atual.

Ensinar Geografia continua sendo uma tarefa difícil. Não somente por precisarmos assimilar os novos tempos, a explosão tecnológica, de informações, de conhecimentos, mas por termos que fazer tudo isso carregando estigmas ainda não resolvidos, como a desvalorização profissional, os baixos salários, as péssimas condições de trabalho. A minha dúvida é saber como resistiremos e avançaremos.

Posições divergentes têm marcado a análise da sociedade atual. Um acreditam que “(...) o desmoronamento dos regimes do Leste Europeu, em lugar de significar a superação de Marx, constitui, ao contrário, um indicador de sua atualidade. Levando em conta que uma filosofia é viva e insuperável enquanto o momento histórico que ela representa não for superado, cabe concluir que, se o socialismo tivesse triunfado é que se poderia colocar a questão da superação do marxismo, uma vez que, nesse caso, os problemas que surgiram seriam de outra ordem. Mas os fatos o mostram, ele não triunfou. O capitalismo continua sendo ainda a forma social predominante. Portanto, Marx continua sendo não apenas uma referência válida, mas a principal referência para compreendemos a situação atual” (SAVIANI In: MANACORDA, 1991, p. xiv).

Outras, entretanto, admitem que “Hoje, no final do século XX, muita gente argumenta que estamos no limiar de uma nova era, a qual as ciências sociais devem responder e que está nos levando para além da própria modernidade. Uma estonteante variedade de termos tem sido sugerida para esta transição, alguns dos quais

se referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social (tal como a "sociedade da informação" ou "sociedade do consumo"), mas cuja maioria sugere que, mais que um estado de coisas precedente, está chegando a um encerramento ("pós-modernismo", "sociedade pós-industrial", e assim por diante) (...)" (GIDDENS, 1991, p. 11).

Esta discussão, ainda que ignorada, aceita ou questionada por muitos quanto a sua validade, está presente no ensino de Geografia, pois constitui o cerne da crise que se esboça na prática pedagógica do professor, ao trabalhar com a realidade atual. Ao mesmo tempo que os acontecimentos conjunturais exercem uma constante pressão para se repensar as explicações teóricas predominantes, há uma tendência clara em direção à resistência. Isto tem criado um certo mal-estar no ensino de Geografia. "(...) E nesses tempos de mudanças vertiginosas, as coisas que classicamente fizeram sentido ficam atravessadas pelo signo da crise. A ordem dada pelos paradigmas até então aceitos se desfaz e o "novo" busca uma explicação (...)" (FREITAS, 1995, p. 52).

É certo que esta situação incômoda tem gerado indefinições com relação à postura teórico/prática dos professores. A crise de paradigmas está colocada de modo premente. As críticas ao marxismo e as tentativas de redimensionamento do debate têm sido marcadas por indefinições tanto nas formulações como nas interpretações de novas propostas.

Entretanto ainda não surgiu um modelo explicativo, um paradigma que substituísse a teoria marxista no ensino de Geografia. Mas não seria a ausência de paradigmas uma característica dos novos tempos?

BIBLIOGRAFIA

- FONSECA, G.J. e LAFER, C.. Questões para a diplomacia no contexto internacional das polaridades indefinidas (notas analíticas e algumas sugestões). In: *Temas de política externa brasileira II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREITAS, J.V.. Algumas considerações sobre a crise paradigmática nos quadros da sociedade contemporânea. In: *Cultura histórica em debate*. São Paulo, UNESP, 1995.
- GIDDENS, A.. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Unesp, 1991.
- HIRANO, S.. A América Latina no novo contexto mundial, In: *Globalização e espaço latino-americano*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MANACORDA, M.A.. *Marx e a Pedagogia moderna*. São Paulo: Cortez, 1991.
- SOJA, E.W.. *Geografias pós-modernas. A redefinição do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SOUZA, M.A.. O ensino da geografia na virada do século, In: *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SILVA, A.C. da. A Geografia Humana e a abordagem naturalista, In: *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SILVA, A.C. da. *Apostila de Epistemologia da Geografia Humana*. Presidente Prudente, 1993 (mimeo).
- SILVA, A.C. da. *O inconsciente e a mente vazia*. São Paulo, 1995. (mimeo)